Futuro mais saudável

A tradicional feira Hortitec foi um termômetro e deu indicativos de melhoras – leia-se mais investimentos – para a horticultura brasileira, após um 2018 complicado. A liberação do registro de novos defensivos também beneficia o setor

Thais D'Avila

Fotos Agnaldo de Carvalho

O setor de hortaliças começou 2019 com um ânimo diferente. Novo Governo, promessa de realização de reformas e o fim das indefinições que pairaram sobre todo o ano anterior já melhoraram o índice de confiança do produtor. É que 2018 foi um ano bem difícil. Conforme a Associação Brasileira do Comércio de Sementes e Mudas (ABCSem), ainda que a redução da produção tenha sido menor do que 2017 (2% em 2018 ante 8% no ano anterior), não houve sinais de recuperação. "Caiu menos do que em 2017, mas manteve-se em queda", afirma o diretor-executivo da ABCSem, Marcelo Pacotte, que pontua a greve dos caminhoneiros, ocorrida em maio de 2018, como um marco negativo para o setor. "Foi muito grave. Foram dias que mexeram com a cadeia. Existe um fluxo de caixa, e, para recuperar isso, precisa de tempo. Muitos agricultores quebraram, e empresas tiveram problema em se manter no mercado. Esperamos que não se repita mais", lamenta.

Os números só serão conhecidos após o fechamento do ano, mas os novos ares do setor de hortaliças em 2019 foram sentidos na Feira Hortitec, realizada em Holambra/SP em junho. É, conforme o diretor-executivo, um dos eventos que balizam as intenções dos produtores, demonstrando intenção de crescimento nos investimentos para este ano. "O produtor está mais otimista em relação ao mercado, está tendo preço para poder vender. E se ele não está reclamando de nada, é um ótimo sinal", comenta Pacotte.

A dificuldade histórica em quantifi-

car o setor de hortaliças e, consequentemente, de organizar as demandas e solucionar obstáculos foi identificada pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) como algo a ser resolvido. Em 2019, a CNA iniciou uma série de encontros com as federações estaduais para detectar com mais precisão quais as demandas dos produtores locais. "Queremos fazer uma expansão da Comissão de Hortaliças e, a partir daí, atuar mais eficientemente sobre os gargalos", afirma o assessor técnico da CNA, Eduardo Caldas. Segundo ele, para algumas regiões, a dificuldade pode ser em relação à irrigação, em outras, a distância dos centros consumidores. "É claro que existem as demandas nacionais, como a liberação de defensivos específicos para as chamadas *minor crops*, culturas de pequena escala que não são contempladas pelos pedidos de liberação das indústrias de agroquímicos", amplia. Caldas explica que serão realizadas reuniões para a construção do escopo do trabalho. "Demos o pontapé inicial em 2019 e iremos concluir o trabalho em 2020."

A liberação de novos registros de defensivos ao longo de 2019 era uma demanda antiga do setor produtivo que acabou gerando polêmica na população em geral. Ainda existem muitos produtos na fila para serem autorizados, em geral, marcas comerciais, já que a liberação de novas moléculas ocorre em menor velocidade. O setor de hortaliças é um dos que mais pressiona para que novos produtos entrem no mercado e, ainda, para que sejam autorizados em culturas diferentes. Caldas defende a realização de uma campanha de conscientização sobre isso, explicando ao público geral a real função do agroquímico. "São remédios para a planta, não um veneno que vai nos prejudicar. Nós também estamos sujeitos aos químicos quando tomamos remédios. Temos que tomar na dose certa para fazer um bom efeito. O mesmo acontece com os agroquímicos", argumenta.

Sobre esse tema, Pacotte afirma que o Brasil tem programas rigorosos de controle, que exigem estudos de impacto, de resíduos, e isso não é comunicado ao público em geral. "A gente entende que o Brasil é um país grande, com diferentes microclimas espalhados por todo o território, e que o agricultor precisa defender sua área e sua produção. Somos uma 'Disneylândia para as pragas'", compara. E ele acredita que o registro de novos produtos e aplicações é importante para manter o abastecimento. "A consciência do produtor vem aumentando, ele é profissional e conhece o mercado, se comunica, muitos viajam pelo mundo. A gente tem uma capilaridade muito grande, e os grandes acabam ajudando os pequenos, formando opinião. E aí também vai a consciência da segurança alimentar, da importância de oferecer um alimento saudável e também de economia nos custos de produção."

A busca pelos consumidores por alimentos mais saudáveis vem modificando algumas linhas de pesquisa da Embrapa Hortaliças

Consumidores mais exigentes — A mudança de comportamento dos consumidores, que buscam alimentos mais saudáveis e estão preocupados com resíduos, vem modificando também algumas linhas de pesquisa da Embrapa Hortaliças. Conforme o chefe-geral da unidade, Warley Nascimento, há um crescimento de trabalhos na agricultura orgânica, na biofortificação de alimentos – como tomate com mais licopeno e cenoura com mais carotenóides – e na produção integrada, promovendo redução do uso de agroquímicos e, consequentemente, gerando menos resíduos nos alimentos.

Uma notícia importante em 2019 é o desenvolvimento de cultivares de cenoura e cebola exclusivas para o sistema orgânico. "A gente sempre avaliava cultivares mais adaptadas para a produção orgânica, mas essa foi a primeira vez que fizemos todo o programa de melhoramento genético dentro do sistema. São produtos com maior resistência a doenças", comemora. E não é só isso. Conforme Nascimento, a maior inserção da pesquisa no setor produtivo também é uma meta da empresa. "Atualmente, apenas 6% dos projetos existentes estão inseridos nas cadeias. A Embrapa quer que isso atinja 40% nos próximos anos. Vamos deixar a pesquisa básica mais para universidades", explica. Com recursos menores a cada ano, os pesquisadores estão percebendo a cobrança da sociedade para gerar resultados práticos e aplicáveis.